



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

TATIANA DA SILVA LIMA

**A CRÍTICA AO PATRIARCALISMO NO ENSAIO *SEJAMOS TODOS
FEMINISTAS*, DE CHIMAMANDA NZOGI ADICHIE**

REDENÇÃO-CE
2019

TATIANA DA SILVA LIMA

A CRÍTICA AO PATRIARCALISMO NO ENSAIO *SEJAMOS TODOS FEMINISTAS* DE CHIMAMANDA NZOGI ADICHIE

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Luana Antunes Costa

REDENÇÃO-CE

2019

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
1. OBJETIVOS	7
1.1 Objetivo geral	7
1.2 Objetivos específicos	7
2. QUESTÕES DE PESQUISA	7
6. JUSTIFICATIVA	8
7. METODOLOGIA	10
8. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11

1. INTRODUÇÃO

Chimamanda Ngozi Adichie (1977) é escritora nigeriana, feminista, intelectual da diáspora. Em sua palestra *The dangers of a single story*, a autora se enuncia como uma contadora de histórias.¹Em seus contos, romances e ensaios publicados, ela aborda questões relacionadas às mulheres negras de diferentes sociedades, feminismo, racismo e imigração, os direitos humanos, entre outras problemáticas contemporâneas. Adichie busca em suas vivências, tanto em sua sociedade de origem, nigeriana, quanto na de imigração, norte-americana, bases para a construção de seu texto ensaístico e literário.

A obra *Sejamos todos feministas* (2014), objeto de estudos desse projeto, tornou-se o livro a partir do discurso proferido por Adichie para a série de conferências Technology, Entertainment, Design (TED), realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias. Desse modo, o texto aborda o cotidiano vivido por mulheres nigerianas, especificamente, em Lagos.

Adichie começa a narrativa explicando o quanto era negativo pensar-se como feminista. Pois isso fazia com que ela fosse olhada com diferença. Pela sua narrativa, além de contar cenas vivenciadas por suas conterrâneas; A autora além de contá-las também as explica ao/à leitor/a, como por exemplo, quando aborda questões de desigualdade de gênero e lugar/posição de fala no contexto social e urbano de Lagos.

Na obra, Chimamanda desenvolve sua própria noção de feminismo. Assim, para ela “feminista é uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos” (ADICHIE, 2014, p. 12). Ou melhor, é o indivíduo que detecta a existência de um problema entre os gêneros, assimetrias, logo também entre identidades étnico-raciais e classes sociais, consequentemente.

Em vista disso, podemos ver o quão importante Adichie se mostra na escrita contemporânea. Logo anos após o lançamento de *Sejamos todos feministas* (2014), a autora surpreende a cena literária mundial, com a publicação do romance *Americanah* (2013), abordando questões raciais e de gênero na trajetória de uma personagem africana e imigrante, chamada Ifemelu.

¹ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. 2014. Acesso em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br>

A história ficcional inicia quando a jovem nigeriana sai do seu país, que está passando por uma crise, para estudar nos Estados Unidos. Junto a história de Ifemelu é narrada a vida de Obinze, namorado de infância e melhor amigo de Ifemelu, onde o personagem migra da Nigéria, mas para a Inglaterra e vive esse amor ou misturas de sentimentos a distância. Entre diversos ocorridos é colocado a todo o momento para a personagem, ironicamente, o quanto ela é inferior por ser imigrante, negra, de cabelo crespo ou trançado, sendo então assim tratada como uma beleza exótica.

Uma interessante passagem do romance *Americanah* (2013) nos mostra Ifemelu, ao observar sua tia Uju que se submete ao casamento para assim poder alcançar um respeito maior, não só na sociedade nigeriana, mas também na norte-americana:

Bartholomew² não se interessava pelo filho da mulher que estava cortejando e nem se dava ao trabalho de fingir que se interessava, o que irritou Ifemelu. Era chocante o quanto era errado para tia Uju e o quanto não estava à sua altura. Um homem mais inteligente teria se dado conta disso e sido mais moderado, mas Bartholomew, não. Ele se comportava de forma pomposa, como um prêmio especial que tia Uju tinha a sorte de ter ganhado, e ela não o contrariava. Antes de provar as moelas, ele disse: “Vamos ver se isso aqui presta”. Tia Uju riu, e em seu riso havia uma aquiescência, porque aquelas palavras de Bartholomew, “Vamos ver se isso aqui presta”, referiam-se ao fato de ela prestar como cozinheira e, portanto, como esposa. (ADICHIE, 2013, p. 127).

Ou ainda:

“Você vai mesmo se casar com ele.”. Tia Uju disse, com exasperação fingida: “Ifem, achei que já tínhamos passado dessa fase. Quando eu me mudar, vamos a um cartório casar, assim ele vai poder adotar Dike legalmente”. (ADICHIE, 2013, p. 156).

Como os trechos acima nos mostram, nessa obra, a autora é crítica quanto às formas de submissão impostas às mulheres; além de questões raciais, quando Ifemelu se esforça para entrar no “padrão” de cabelo liso; questões linguísticas, quando ela é indagada se fala o inglês corretamente; e também cultural, quando é “parabenizada” por não carregar no sotaque nigeriano. Dessa forma podemos ver que Adichie escreve de forma fluída para entendermos o racismo incubado, a forma de padrões que a sociedade impõe e podemos ver isso não só em *Americanah* (2013), mas também em *Sejamos todos feministas* (2014).

Um fato que nos chamou atenção para o discurso crítico de Chimamanda ocorreu em 2014, quando a cantora norte-americana Beyoncé³ incorporou um fragmento do ensaio *Sejamos todos feministas* (2014), de Adichie, em uma de suas faixas do disco

² Noivo e futuro marido de Uju, tia de Ifemelu

³ Beyoncé Giselle Knowles

“Beyoncé”. *Flawless*⁴ foi a canção principal, apresentada em 2015 durante uma das maiores premiações da música americana criada pela MTV, a premiação *Video Music Awards* (VMA), enaltecendo os melhores videoclipes do ano. A editora e escritora Rebecca Traister em uma publicação no blog *Blogueiras Feministas*, vem falar sobre a apresentação de Beyoncé, onde teve muitas repercussões dizendo que Adichie e a cantora não fizeram uma boa escolha em juntar suas obras, sendo Adichie com sua conferência no *TED Talk* e Beyonce com sua música. É então que a blogueira diz, que “Isso é o que uma mulher parece quando ela se define como uma feminista em 2014, ela diz o contrário dos obituários constantemente publicados, o movimento de mulheres não é apenas próspero, mas está em expansão. Curve-se”.

Logo em outubro de 2016, uma postagem em sua página no seu *Facebook*, Chimamanda esclareceu sobre a polêmica, sobretudo, inflada pela mídia:

Eu disse que acredito em que existe tipos diferentes de feminismo, todos eles válidos, que começam com a mesma premissa básica de igualdade, mas focam em elementos diferentes, e que o meu feminismo era diferente do dela. Eu disse que Beyoncé foca na ideia de homens agirem corretamente com as mulheres – o que reflete a vida de milhões de mulheres por todo o mundo, mulheres que colocam homens como o centro de suas vidas. Eu disse que gostaria que essa não fosse a realidade. Que eu gostaria que as mulheres não se devotassem tanto aos homens que não se devotam a elas de maneira recíproca, porque isso acaba criando um ciclo nada saudável de dependência e diminuição de si mesmo. Isso foi obviamente uma crítica à realidade patriarcal, não ao feminismo de Beyoncé.⁵ (ADICHIE, Chimamanda. 2017)

O episódio, envolvendo as duas artistas acima mencionadas, nos leva a pensar que as diferenças entre os discursos de Adichie e Beyoncé são um exemplo de que os feminismos (no plural) podem se interligar e se auxiliar nas vivências e militâncias, embora com propostas, às vezes, divergentes, mas em consenso sobre os inimigos em comum, como por exemplo, o patriarcalismo.

Luís Felipe Miguel (2014, p.17), co-autor da obra *Feminismo e política*, explica-nos que o feminismo é considerado uma das principais políticas para que o patriarcalismo seja discutido, pois as abordagens das correntes intelectuais do feminismo são muito mais que uma questão de gênero.

⁴ Expressão que significa em português “Sem falhas” (tradução nossa)

⁵ Acesso em, <https://www.geledes.org.br/chimamanda-ngozi-adichie-explica-o-que-realmente-disse-sobre-beyonce-em-critica-ao-jornalismo-sensacionalista/>.

Diante disso, vemos a necessidade e a importância de as mulheres se enunciarem como feministas. Entendemos que ser feminista é lutar contra os sistemas de opressão social, os sistemas de dominação masculina e contra diversas tentativas de menosprezar as mulheres, além disso, de empenhar o seu corpo, de empoderamento e também de política.

Em relação ao feminismo no continente africano, para Patricia MacFadden, um ponto de partida útil para qualquer discussão sobre esse assunto é definir o feminismo como sendo fundamentalmente a luta das mulheres contra o controle patriarcal e a sua exclusão. (MACFADDEN, 2001, apud TELO, Florita C. A., 2017, p. 2)

Desse modo, considerando o engajamento da autora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie, e sua atuação como uma intelectual feminista, o presente projeto de pesquisa pretende investigar a crítica ao patriarcalismo no ensaio *Sejamos todos feministas*, obra de sua autoria.

1. OBJETIVOS

1.1 Objetivo geral

Analisar a crítica ao patriarcalismo no ensaio *Sejamos todos Feministas* (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie

1.2 Objetivos específicos

1. Apresentar Chimamanda Adichie como intelectual africana e diaspórica;
2. Investigar aspectos da fortuna crítica sobre a obra *Sejamos todos feministas*;
3. Apresentar a noção de feminismo proposto por Chimamanda Adichie na obra em análise;
4. Discutir a crítica ao patriarcalismo no ensaio *Sejamos todos Feministas* (2014);

2. QUESTÕES DE PESQUISA

1. Como se configura a autora Chimamanda Adichie como sujeito feminista no trânsito entre Nigéria e Estados Unidos da América?
3. Quais aspectos são destacados pela fortuna crítica da autora?
4. Como se configura a noção de feminismo proposto pela autora?

5. Como o patriarcalismo se apresenta discursivamente na obra e como se elabora um contra discurso?

6. JUSTIFICATIVA

O interesse por investigar sobre a crítica ao patriarcalismo no ensaio *Sejamos todos feministas* (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie, surgiu a partir de uma identificação de nossas experiências vividas, como mulher negra, brasileira e periférica, com as narrativas presentes no referido ensaio. Tal interesse pela pesquisa se manifestou, de forma mais contundente, pelas leituras realizadas sobre intelectuais negras e feministas, do continente africano e das américas, como por exemplo bell hooks, Angela Davis, Patrícia Hill Collins, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Djamilia Ribeiro, Sueli Carneiro, Marielle Franco, Paulina Chizianee a própria Chimamanda Ngozi Adichie.

As leituras e dos estudos dessas autoras foram propostas pelo curso “Literatura e Feminismos Contra-hegemônicos”, ministrado pela Profa. Dra. Luana Antunes Costa, em 2018, no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O curso abordou diversas “escrevivências”– conceito criado pela escritora Conceição Evaristo “para dar significado a escrita das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra.” (EVARISTO, 1995, p.6).

A partir de tais estudos surgiram nossas indagações sobre o conceito de patriarcalismo e como esse mesmo patriarcalismo situa-se no ensaio de Chimamanda Adichie e se relaciona com a sociedade contemporânea. Desse modo, também serviu de motivação para essa pesquisa os encontros de estudos e demais atividades do o grupo de pesquisa e extensão “Sobre o corpo feminino – Literaturas Africanas e Afro-brasileiras”, coordenado pela Profa. Dra. Luana Antunes, na UNILAB. O grupo desenvolve leituras de escritoras negras, compartilhamento de experiências e vivências, mobilizando diversas trocas de saberes. Além da UNILAB como um projeto que abraça tudo isso dentro dela.

Essa pesquisa tem como protagonista uma obra de autora africana da diáspora, portanto, acreditamos que esse trabalho poderá ser útil para o campo do ensino dos

estudos africanos, tratando da sua importância. Ademais, na lei 10.639⁶, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e particulares do ensino superior ao médio, observamos uma forma de ressignificar as diferentes culturas africanas que forma o que chamamos de Brasil.

O ensino de história e cultura afro-brasileira enfatiza a importância da preservação memória das culturas, acontecimentos, consequências da colonização, dentre outros fatos no qual faz com que o continente africano tenha dentro do Brasil diversas raízes. Hoje, 16 anos após da implementação da lei que obriga o ensino, ainda encontramos dificuldades e/ou barreiras para colocá-la em prática em sala de aula do ensino básico.

Em uma matéria de 2018 intitulada, *Quinze anos depois, Lei 10.639 ainda esbarra em desconhecimento e resistência*,⁷ a pesquisadora Ana Luiza Basilio na revista eletrônica *Carta Capital*, expõe as dificuldades que os professores encontram para colocar a Lei 10.639 em prática. Segundo a pesquisadora (Basilio, 2018), os “casos de professores perseguidos ao ensinar os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira revelam a fragilidade das redes em sistematizar as práticas”, ainda que a lei seja obrigatória no currículo escolar.

Diante disso, constatamos que os textos de Adiche, assim como outras autoras/es africanas/os, são escassos nos materiais didático-pedagógicos do ensino básico brasileiro. Tais obras são abordadas, no ensino superior, desde que hajam centros de pesquisas dedicados aos estudos africanos e incorporações desses conteúdos nos currículos, o que não é frequente na maior parte das universidades públicas e privadas do país.

A importância da introdução não só dos textos especificamente africanos, mas também das epistemologias dos feminismos negros e africanos, em sala de aula, deveria ser amplamente estudada no Brasil, embora dezesseis anos depois da criação da lei 10.639/03 ainda existam dificuldades em implementá-la em sala de aula.

Partindo desse pensamento, ao propormos uma perspectiva de análise do patriarcalismo na obra de Chimamanda Adichie, pretendemos destacar outros olhares sobre tal conceito, sobretudo, elaborados por pesquisadoras e teóricas africanas. Em vista disso, a intelectual nigeriana Bibi Bakare-Yusuf argumenta, dialogando com autoras como Niara Sudarkasa, Oyèrónkẹ Oyěwùmí e Nkiru Nzegwu, o seguinte:

enquanto sociedades Africanas podem muito bem ter suas próprias formas de desigualdade e estratificação, é errado sugerir que a

⁶ alteração da lei 11.645/08

⁷ Acesso em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/quinze-anos-depois-lei-10-639-ainda-esbarra-em-desconhecimento-e-resistencia/>>

assimetria sexual é interna às sociedades Africanas, ou que o gênero, antes da invasão europeia, era um princípio que organizava essas sociedades (BAKARE-YUSUF, 2003, p. 5).

As autoras mencionadas compartilham do mesmo pensamento que Bakare-Yusuf. São teóricas e pesquisadoras que investigam a África pré-colonial e suas relações com a contemporaneidade, considerando a invasão do Ocidente sobre o continente africano.

Dessa forma, acreditamos que o percurso dessa pesquisa nos desafiará, principalmente nos trará à tona o que Adichie mostra em um sentido mais profundo no ensaio *Sejamos todos feministas* (2014), ou seja, a crítica a esse sistema de dominação que é o patriarcalismo.

Por fim acreditamos que esse trabalho será um desafio; no entanto estamos de acordo com o pensamento da teórica norte-americana Bell hooks (1995), ao afirmar que “escrever a tese é o momento de nosso trabalho de graduação em que mais diretamente enfrentamos o que significa mergulhar no pensamento e na escrita solitários” (HOOKS, 1995, p.471).. Acreditamos que a solidão no momento da escrita, principalmente das mulheres negras, é algo doloroso, mas habitual, para que possamos nos capacitar para elaborar maiores indagações sobre as sociedades.

7. METODOLOGIA

Essa pesquisa se consistirá na análise do ensaio *Sejamos todos feministas* (2014), da Chimamanda Ngozi Adichie, buscando compreender a crítica ao patriarcalismo que nele se apresenta. Assim, trataremos o ensaio como um gênero híbrido, a partir da pesquisadora e professora Luana Antunes (2014), o feminismo como tema central do ensaio de Adichie e do patriarcalismo como foco da pesquisa. O estudo será posto sob a ideia de que o patriarcalismo é pertinente na sociedade atual e de que, desde então, existe uma crítica escrita sobre a ideia de diferença entre gêneros. Então, o nosso trabalho é mostrar que no ensaio *Sejamos todos feministas* (2014) encontra-se mais uma dessas críticas escritas.

Nessa pesquisa trabalharemos com a abordagem qualitativa, com objetivo descritivo que se refere ao ponto de vista da articulação de ideias, de levantamento e análise bibliográfica. Buscaremos analisar cada parte do ensaio, levando em conta o contexto/sociedade de produção em que o ensaio está situado, ou seja, no espaço de trânsito entre Nigéria e EUA. Analisaremos as histórias narradas pela autora no ensaio, buscando interpretar as formas pelas quais o patriarcalismo se mostra.

Tendo como objeto de análise o ensaio, essa pesquisa será de natureza bibliográfica. Segundo Severino (2007, p. 122), “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”.

Segundo o pesquisador Antônio Carlos Gil (2008, p.50), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”. Para o autor, “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema”. (GIL, 2007, apud GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T, 2009, p. 37).

Sendo, então, o ensaio um gênero textual pelo qual se expressa uma problemática em diálogo com a realidade histórica, a pesquisa bibliográfica é a que mais se adéqua ao nosso estudo.

O primeiro passo para pesquisar a crítica ao patriarcalismo no ensaio *Sejamos Todos Feministas* (2014), será apresentar a autora do ensaio, Chimamanda Ngozi Adichie, como uma intelectual africana da diáspora, sendo uma mulher que se mostra sempre em trânsito.

O segundo movimento é buscar a fortuna crítica escrita sobre o ensaio da autora, fortuna essa que está escrita por diversas partes do mundo por consequência do ensaio ser derivado de uma conferência e está traduzida em vários idiomas. Buscando assim entender quais pontos essa fortuna crítica está mostrando. A terceira parte da pesquisa é mostrar como essa noção de feminismo é proposta por Adichie.

E a última parte, e não menos importante, é discutir o que vemos como a crítica ao patriarcalismo em *Sejamos Todos Feministas* (2014), no qual nos apoiaremos no estudo sobre autoras/es que tratam desse sistema nos contextos africanos e ocidentais. Pensando como ele se elabora, discursivamente, no ensaio.

8. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensaio é o gênero que traz liberdade a escrita que é livre de protocolos ou regras. De acordo com Luckács (1974)

[...] o ensaio fala sempre de alguma coisa já formada, ou ao menos, de alguma coisa que já existiu; por tanto, é de sua essência não engendrar coisas novas a partir de um puro nada, mas simplesmente, reordenar

aquelas que já foram vividas em algum tempo. (LUCKÁCS, 1974, apud COSTA, 2014, p. 92).

Nesse sentido concordamos com Lilian Weinberg (2007), uma das referências de maior relevância do estudo do ensaio, ao dizer-nos que o leitor pode colocar o texto em qual quadro quiser, mas de toda forma o texto irá ter suas marcas. Já a pesquisadora Luana Antunes (2014) vem nos falar sobre o que ela define como ensaio, sendo ele um gênero híbrido que pode comportar diferentes formas literárias ou até fragmentos textuais diferentes (2014, p. 94), comportando à ideia de ensaio, um gênero híbrido e que nele existe uma relação com a realidade sócio-histórica.

O ensaio, objeto desse estudo, aborda questões das tentativas de invisibilizar mulheres em diversas passagens do cotidiano. Para a pesquisadora Costa (2014, p. 78), “pelo ensaio africano, o seu autor, sujeito dessa enunciação de forma mais direta, materializa vozes que insistem em não participar do jogo de silenciamento e subalternização proposto pelo continente colonial”. Através disso, o ensaio será posto sob a ideia de que o silenciamento da escrita africana e tentativa de subalternização dessa escrita é um fator que está sendo quebrado e são essas mesmas vozes que estão se materializando na escrita. Como nos diz Costa (2014, p. 82), uma performatização do pensamento do ensaísta que busca encarnar, pelo verbo, a forma do mundo, ou seja, tornar as vozes em ensaios/escritas.

Segundo Alyxandra Gomes Nunes (2016, p. 130), Chimamanda Ngozi Adichie é uma autora que, em grande medida, representa uma nova geração de autores nigerianos que estão escrevendo a partir do que chamam de diáspora nigeriana. Ainda Nunes afirma que,

Adichie é uma escritora celebrada, criticada positiva e negativamente, vencedora de muitos prêmios literários nos Estados Unidos, na Inglaterra e homenageada na Nigéria. Como intelectual, é chamada a emitir opiniões sobre muitos assuntos, o que não a agrada, pois acredita que o intelectual não pode saber tudo; portanto, ela tem muito cuidado com o que escreve e publica: “Eu tenho que escrever. Eu gosto de dizer que eu não escolhi escrever, a escrita me escolheu. Isso pode soar místico, mas às vezes sinto que minha escrita é maior que eu”. (NUNES, 2016, p. 139).

Adichie imerge na literatura de forma engajada e política sendo considerada uma das maiores vozes intelectuais da literatura mundial contemporânea, Adichie diz que “simplesmente escreve a verdade sobre o que conhece”, segundo uma entrevista que a

autora concedeu ao site *ivairs*⁸. Portanto sua escrita se baseia no cotidiano vivido em Lagos, outros territórios da Nigéria, Inglaterra e dos Estados Unidos:

A autora dialoga, em sua obra literária ou ensaística, direta ou indiretamente, com autores predecessores – Achebe, Buchi Emecheta, Flora Nwapa, Christopher Okigbo – que pavimentaram seu caminho em busca de uma outra história possível, de histórias plurais, longe de uma história única, perigosa e redutora. (NUNES, 2016, p. 130).

A atuação de Chimamanda Adichie, em outras esferas além da literatura, nos leva a investigar sobre o conceito de intelectual aplicado as mulheres africanas e, na diáspora, às mulheres negras. Em relação ao contexto estadunidense, bell hooks⁹, em seu texto *Intelectuais negras*, elabora uma noção sobre o sujeito intelectual como “alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo.” (1995, p. 468). O que leva-nos ver que Adichie se encaixa no conceito de intelectual africana diaspórica.

Chimamanda Adichie, no ensaio *Sejamos todos feministas* (2014), mostra-nos situações afirmando sentir uma necessidade de propor um diálogo para explicar a mudança de alguns hábitos. Um exemplo é quando Adichie (2014, p.12) nos oferece uma definição de sujeito feminista, “no qual seja o homem ou mulher que afirma “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar.”

Como intelectual, ela busca o questionamento do/a leitor/a, que pode estar localizado/a nos Estados Unidos, na Nigéria ou em outra parte do globo, sobre situações do cotidiano. Hooks (2014, p.) nos lembra o que é ser intelectual e principalmente o que é ser intelectual mulher e ainda mulher negra, na sociedade estadunidense, o que nos remete à outras sociedades que participam da diáspora negra. Ela observa que o patriarcado impossibilita mulheres de estar no meio intelectual e para aquelas que alcançam essa posição, ainda as faz questionar se aquele lugar pode lhes pertencer e, principalmente se são capazes de ocupá-lo:

E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. (HOOKS, 1995, p.468).

⁸ Ivairs. Chimamanda Ngozi Adichie uma escritora nigeriana. 2017. Disponível em: <<https://www.taglivros.com/blog/escritores-nigerianos-para-ler-imediatamente/>>.

⁹ Escrita em minúsculo por opção da autora

O ensaio *Sejamos todos feministas* (2014), consiste em narrações e reflexões sobre situações cotidianas que se parecem com a realidade vivida. Lembrando também que a obra é um ensaio então ela tem o livre pensar sob a escrita. Como bem diz Luana Costa, “o conteúdo da vida real, formado pela/na escrita, pelo/no olhar do ensaísta, apresenta aquilo que é próprio de sua essência, transcende assim o referencial da vida e da experiência da vida.” (COSTA, 2014, p.81). Ou melhor, é sempre mostrado o relato da vida, porém, não necessariamente completamente verdade.

Como já é muito experiente na escrita, a autora do ensaio, Adichie, narra fatos de uma herança colonial ainda muito presente nas sociedades do continente africano, no caso dela, da Nigéria, na sociedade Igbo. A autora traz a filosofia das suas ancestrais na escrita, Adichie, pela escrita e pela sua atuação como intelectual feminista, está recuperando esse lugar que era ocupado pelas mulheres, na filosofia, assim como Oyeronke Oyewumi e Bibi Bakare-Yusuf, também nigerianas.

Lembrando a herança colonial, a dominação masculina na África é uma herança colonial que ainda se perpetua diante de organizações familiares africanas/nigerianas diferentes, na qual as bases da distinção/definição de gênero ou até mesmo a noção de gênero em si daquela sociedade eram outras. Conforme Oyewumi (2016, p.2), “o gênero, por exemplo, não era um princípio de organização na sociedade Iorubá antes da colonização pelo Ocidente”. Desse modo, vamos situar o patriarcalismo como uma definição do ocidente, mas que está presente no corpo social africano, a partir da colonização.

Buscando situar o patriarcalismo, Luís Felipe Miguel e Flávia Biroli, em *Feminismo e Política*, abordam sobre a importância do feminismo para com a discussão de patriarcalismo. Os autores argumentam que “não é possível discutir o patriarcalismo sem dialogar com as teorias feministas, pois a corrente intelectual é essencial para o diálogo” com o que ele chama de “mecanismo de reprodução de dominação” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.17). De acordo com o autor, o patriarcalismo – ou dominação masculina – é para alguns autores o “conceito capaz de ‘capturar a profundidade. Penetração ampla (*pervasiveness*) e interconectividade dos diferentes aspectos da subordinação das mulheres’.” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.18). Ou seja, é o conceito que define a ação capaz de subordinar mulheres de diferentes formas. Miguel ainda escreve que

As relações de gênero atravessam toda a sociedade, e seus sentidos e seus efeitos não estão restritos às mulheres. O gênero é, assim, um dos eixos centrais que organizam nossas experiências no mundo social. Onde há desigualdades que atendem a padrões de gênero, ficam

definidas também as posições relativas de mulheres e de homens – ainda que o gênero não o faça isoladamente, mas numa vinculação significativa com classe, raça e sexualidade. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.5)

Nessa perspectiva, determinados marcadores sociais se tornam esvaziados se não se interseccionam a outros. Dessa forma, será desenvolvida a noção de patriarcalismo/patriarcado que seria uma forma de também silenciamento e inferiorização do gênero feminino.

A normalidade pela qual o patriarcalismo vem sendo vivido por mulheres e homens é assustadora. O “tornar normal” mostra o quanto tal fenômeno é nebuloso na sociedade atual, fazendo assim com que todo tipo de cargo, ocupação ou território de poder seja, de certa forma, tomado pelo poder masculino.

Há um trecho do ensaio *Sejamos todos feministas* (2014), que a autora narra sobre a publicação de um artigo intitulado, “*Como era ser mulher jovem em Lagos*”. Pela narrativa do ensaio, saberemos que um conhecido da autora mencionou que havia muita raiva no texto escrito por ela, logo Adichie lhe responde:

É claro que eu estava com raiva. A questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça. Estou com raiva. Devemos ter raiva. Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva. Além da raiva, também tenho esperança, porque acredito profundamente na capacidade de os seres humanos evoluírem. (ADICHIE, 2014, p.6)

Ainda falando de raiva e injustiças, o *Blog Blogueiras Negras*¹⁰ (2017), analisando o ensaio *Como educar crianças feministas*, da autora nigeriana, aponta que Chimamanda mostra como é importante que a sociedade pare de ensinar um modelo de comportamento às meninas e mulheres, que elas precisam agradar sempre, serem dóceis, bem comportadas, e que devem desempenhar um papel de submissão.

Encarando a dominação masculina como um problema de desigualdade de gênero, bem como de questões social, política e econômica, “devemos dar nome ao problema ou ele deslizará para a obscuridade sob as categorias de convencionais análises políticas”, como diz a filósofa britânica Carole Pateman no seu livro *O contrato sexual* (1988). Desse modo, é a partir dessa ideia que investigaremos as noções de patriarcado/patriarcalismo.

Segundo Mirela Morgante (2014), em suas abordagens, os intelectuais se mostram heterogêneos e controversos a ponto de alguns não fazerem uso do conceito de patriarcado/patriarcalismo por não achar necessário. Morgante, em seu texto, mostra

¹⁰Acesso em, <<http://blogueirasnegras.org/2017/05/05/educando-criancas-feministas-uma-reflexao-sobre-o-manifesto-de-chimamanda-adichie/>>

diferentes pontos de definição do patriarcalismo, exemplo são Mary G. Castro e Lena Lavinas, que refutam a necessidade do uso do termo (Morgante, 2014, p.1); Carole Pateman, ao explicar que consiste em uma construção de muito tempo e que sempre o patriarcado foi encarado como algo positivo (Morgante, 2014, p.5); e também cita Lia Zanotta Machado, que critica o uso do termo em seu sentido fixo, universal e totalizante, mas afirma que não advoga pela sua não utilização. (Morgante, 2014, p.6). Morgante ainda nos lembra que

O uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais. (MORGANTE, 2016, p.3)

Oferecendo uma análise sobre o patriarcalismo em contextos históricos e sociais africanos, a intelectual nigeriana e feminista Oyeronke Oyewumi em seu texto *The Invention of Women: Making An African Sense Of Western Gender Discourses* (1997) repensa a categoria de gênero como uma construção ocidental, afirmando também que o “conceito de 'mulher', central para essa ideologia e para os discursos ocidentais sobre gênero, simplesmente não existia na cultura Iorubá, onde o corpo não era a base de papéis sociais”. (OYEWUMI, 1997, p.3) Oyeronke Oyewumi pertence à etnia iorubá e desenvolve pesquisas também sobre a sociedade igbo, etnia de Chimamanda Adichie.

Outro tópico relevante nessa pesquisa refere-se às escritas sobre as heranças coloniais tendo como base a visão de mundo do Ocidente. Oyewumi e Adichie são autoras que não só conhecem do universo do ocidente, como mulheres africanas, mas que também sabem da situação dos seus lugares de origem. Discute-se assim também a questão de como as problemáticas entre gêneros são mostradas nas sociedades, embora Chimamanda tenha escrito entre Nigéria e Estados Unidos, ou seja, na diáspora:

“Ensinamos que, nos relacionamentos, é a mulher quem deve abrir mão das coisas. Criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais – não em questões de emprego ou realização, o que, na minha opinião, poderia até ser bom – mas como rivais da atenção masculina” (ADICHIE, 2014, p. 8).

Pela citação, podemos observar que nesse ensaio estão apresentadas formas pelas quais o patriarcalismo se camufla na sociedade, buscando de tal maneira, além da prevalência do masculino, a rivalidade entre as mulheres.

Com isso podemos entender que o enredo do ensaio *Sejamos todos feministas* (2014) é o reflexo de sociedades patriarcais – no plural - que se formam a partir de

construções impostas em uma época anterior ao que se vive, ou seja, a atualidade, e que se não houver uma série de indagações sobre o porquê ou até quando de tudo, essa mesma sociedade permanecerá no ciclo vicioso e no conservadorismo que traz consigo dominações negativas que prejudicam certa minoria.

Segundo Florian Alix (2012, apud COSTA, 2014, p. 103), “de um lado, o homem político encontra na literatura e na cultura uma justificção de sua ação política; do outro, a escrita é um meio para afirmar seus princípios e sua cultura, ela em si é um gesto político”. Alix ainda nos lembra a importância de firmarmo-nos em um princípio, ele cita a cultura e a literatura – acreditamos que nessa posição esteja o sujeito intelectual –, a escrita é hoje uma forma política de se expressar trazendo novos princípios, o que Alix diz é que quando um indivíduo propõe se manifestar ou mostrar sua cultura através da escrita ele está colocando então sua voz/escrita como ação política, mas é importante também lembrar-nos da necessidade de se nomear feministas também e no caso da autora base, Adichie, “de se identificar como africana construindo um ato político afirmativo” (TELO, 2017, p. 2). Além do mais, ser feminista hoje é um ato não só individual, mas coletivo, pensando no universo do gênero com marcadores sociais.

Portanto, para entender o sistema patriarcal a partir de uma obra ensaística escrita por uma autora do continente africano, precisará entender o movimento das mulheres daquela sociedade que preza pela equidade e que ameaça esse patriarcalismo, além de compreender como esse sistema patriarcal se instalou, se perpetua e se manifesta nesses territórios.

REFERÊNCIA

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Companhia das Letras. 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. Companhia das letras. 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. Companhia das Letras. 2014.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo. 2016.
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. **Dicionário Crítico do Feminismo – movimento feminista**. 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas s.a. 2008.

KANE, Ndèye Fatou. **Vous avez dit fêministe? Suivi de (In)certitudes**. L'Harmattan Senegal. 2018.

MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política, uma introdução**. Boitempo Editorial. 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Letramento. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 2007.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. 1995. Disponível em: encurtador.com.br/fmuF3. Acesso em: mar. 2018.

ADIHCIE, Chimamanda Ngozi. **"Isso não acontece aqui, então não precisamos fazer isso com seriedade" PARTE UM**. Nigéria. 15 de fevereiro de 2017. Facebook: Chimamanda Ngozi Adichie. Disponível em: encurtador.com.br/cJRT5. Acesso em: 02 maio 2018.

ALVES, Ana Claudia; SANTOS, Áurea Regina. A invenção das mulheres. OYEWUMI, Oyeronke. **Revista dEsEnrEdoS**. 2016. Disponível em: encurtador.com.br/djtV1. Acesso em: set 2018.

AS MULHERES da África falam. **BBC News**. 2005. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/4376967.stm>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 105200: informação e documentação: Citações me documentos: Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023: informação e documentação: Referencias; Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BAKARE-YUSUF, Bibi. **Além Do Determinismo: A Fenomenologia da Existência Feminina Africana**. 2003. Disponível em: encurtador.com.br/ezB07. Acesso em: nov. 2018.

BASILIO, Ana Luiza. **Quinze anos depois, Lei 10.639 ainda esbarra em desconhecimento e resistência**. Carta Capital. 2018. Disponível em: encurtador.com.br/egnCI. Acesso em: 30 jan. 2019

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Aceso em: 7 jan. 2019.

CARNEIRO, Tom. Adichie, C. Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia de Letras. 2015. Disponível em: encurtador.com.br/dCMOS. Acesso em: 31 maio 2018.

CHIMAMANDA Adichie: O que forma o núcleo da sociedade Igbo. **The Trent Nigeria's internet newspaper**. 2014. Disponível em: <https://www.thetrentonline.com/chimamanda-adichie-forms-core-igbo-society-must-read/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

CHIMAMANDA Ngozi Adichie: fatos são mais estranhos do que ficção. **The Guardian**. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2013/apr/19/chimamanda-ngozi-adichie-stranger-fiction>. Acesso em: 18 dez. 2018.

COSTA, Luana Antunes. **Traços do chão, tramas do mundo representações do político na escrita de Mia Couto e Patrick Chamoiseau**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 2014. Disponível em: encurtador.com.br/fmyDS. Acesso em: 13 fev. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2008. Disponível em: encurtador.com.br/fmT49. Acesso em: 12 fev. 2019.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193. Acesso em: 20 jul. 2018

JIMÉNEZ, Claudia Salazar. **Chimamanda Ngozi Adichie: “Nossa época obriga a tomar partido”**. El país. 2017. Disponível em: encurtador.com.br/bPW59. Acesso em: 02 ago. 2018.

LESSA, Roberta. **Chimamanda Ngozi Adichie explica o que realmente disse sobre Beyoncé em crítica ao jornalismo sensacionalista**. 2017. Disponível em: encurtador.com.br/cCOX3. Acesso em: 02 maio 2018.

LOURD, Audre. **A transformação do silêncio em ação**. As mina na história. 2013. Disponível em: <https://asminanahistoria.wordpress.com/2016/05/10/audre-lorde-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-em-acao/>. Acesso em: dezembro de 2018.

NGOZI, Chimamanda. **Educando crianças feministas – uma reflexão sobre o manifesto**. 2017. Disponível em: encurtador.com.br/itzRY. Acesso em: 31 maio 2018.

O sótão de Kibili. **Françoise Vergès: "Mulheres do sul não estão lutando para o feminismo 50/50"**. 2019. Disponível em: encurtador.com.br/kyN68. Acesso em: fev. 2019.

Ondjongo feminista. **Uma breve história do feminismo africano**. 2017. Disponível em: encurtador.com.br/puCEP. Acesso em: jan. 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero:** os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. 2004. Disponível em: encurtador.com.br/dlwHZ. Acesso em: 20 out. 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Laços familiares/ligações conceituais:** notas africanas sobre epistemologias feministas. 2000. Disponível em: encurtador.com.br/ivINW. Acesso em: 20 out. 2018.

OYEWUMI, Oyeronke. **O patriarcado nos estudos feministas:** um debate teórico. Tradução, Mirela Marin Morgante *et al.* 2014. Disponível em: encurtador.com.br/BY134. Acesso em: 12 dez. 2018.

REIS, Alcenir Soares dos; FORTA, Maria Guiomar da Cunha. **Guia básico para a elaboração do projeto de pesquisa.** Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/educacao/docs/06a.pdf>. Acesso em: 31 maio 2018.

NUNES, Alyxandra Gomes. **Revista África(s).** Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário. 2016. Disponível em: <http://revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/viewFile/4039/2558>. Acesso em: jan. 2019.

Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminismo na ciência. **Revista Polis e Psique.** 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/61380/pdf_80. Acesso em: out. 2018.

TELO, Florita Cuhanga. **O pensamento feminista africano e a carta dos princípios feministas para as feministas africanas.** 2017. Disponível em: encurtador.com.br/aUV34. Acesso em: dez. 2018.

A imoralidade na Nigéria é sobre hipocrisia, não minissaias. **The Guardian.** 2008. Disponível em: encurtador.com.br/CDPX4. Acesso em: out. 2018.

A cor de uma conversa inábil. **The Washington Post.** 2008. Disponível em: encurtador.com.br/bhiOP. Acesso em: 20 de out. 2018.

TRAISTER, Rebecca. **A apresentação de Beyoncé no VMA foi o momento feminista que eu estava esperando.** GELEDÉS. 2014. Disponível em: encurtador.com.br/ciGPR. Acesso em: 11 jan. 2019.

WEINBERG, Liliana. **El ensayo como una poética del pensamiento entrevista con Liliana Weinberg.** [Entrevista cedida a] Garza Saldívar Norma. Andamios, Revista de Investigación Social, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=62840711>. Acesso em: 15 dez. 2018.